

**IV SIMPÓSIO  
LUSOBRASILEIRO DE  
CARTOGRAFIA HISTÓRICA****IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica**

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

**Jefferson de Lima Picanço** - jeffpicanco@ige.unicamp.br  
IG-UNICAMP**Maria José Mesquita** - mariamesquita@ig.unicamp.br  
IG-UNICAMP**A CARTOGRAFIA PRIMITIVA DA BAÍA DE PARANAGUÁ (SECULOS XVI-  
XVII) E OS LIMITES DA AMERICA PORTUGUESA****Resumo**

No século dezesseis a baía de Paranaguá foi uma região com acesso dificultado pelos problemas de navegação em sua barra, pela falta de comunicações imediatas com o interior e pelo fato de estar numa zona disputada entre as duas potências coloniais ibéricas devido às ambigüidades do tratado de Tordesilhas. No entanto, ela é conhecida desde pelo menos 1550, quando foi visitada por Hans Staden, que aí já encontrou portugueses em contato com os índios. No século XVII o conhecimento sobre a baía aumentou progressivamente com o avanço das atividades de caça ao índio e pela mineração aurífera. A primeira representação da baía apareceu no mapa da Capitania de São Vicente, que consta no Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz I (o velho), entre 1631-42. Em 1653, durante o auge da mineração, Pedro de Souza Pereira fez sua primeira representação cartográfica exclusiva, mostrando o interior da baía e as minas de ouro. Estes dois mapas foram aproveitados por João Teixeira Albernaz II (o moço) em sua "Demotração (sic) do Pernagoa e Cananea", de 1666. A representação iconográfica e os mapas mostram como a baía de Paranaguá foi sendo progressivamente incorporada a órbita colonial portuguesa durante os séculos XVI e XVII. Ao final do século XVII os limites entre os domínios espanhóis e portugueses estariam situados mais a sul, entre a Vila de Laguna e a Colônia do Sacramento.

Palavras-chave: Paranaguá, Cartografia Histórica, mineração, escravidão, América Portuguesa.

**Abstract**

In the sixteenth century, Paranaguá Bay was a region of difficult access because of navigation problems of its bar, the lack of immediate communication with the continent, as well as for the fact of being in an area disputed between Portugal and Spain because of the ambiguity of the Treaty of Tordesillas. However, it is known since at least 1550, when it was visited by Hans Staden, who by then found Portuguesees in contact with the Indians. In

the seventeenth century the knowledge of the bay increased progressively with the advancement of the activities of Indian hunting and gold mining. The first representation of the bay appeared on the map of the captaincy of São Vicente, shown on the Atlas of Brazil by Joao Teixeira Albernaz I (the elder), between 1631-42. In 1653, during the gold mining boom, Pedro de Souza Pereira made the first exclusive cartographic representation of the bay, detailing the its inner and its gold mines. Both two maps were used by João Teixeira Albernaz II (the boy) in his "Demotração (sic) of Pernagoa and Cananea," 1666. The iconographic representation and maps show how the Bay of Paranagua had been progressively incorporated into the Portuguese colonial scope during the sixteenth and seventeenth centuries. At the end of the seventeenth century the limits between Spaniards and Portugueses would be located further south, between the villages of Colonia del Sacramento and Laguna.

Keywords: Paranaguá, Historical Cartography, mining, slavery, Portuguese America.

## **Introdução**

A baía de Paranaguá é um importante acidente geográfico da costa sul-sudeste do Brasil. Situada no atual estado do Paraná, a baía apresenta dois portos, Paranaguá e Antonina e tem hoje uma importante inserção na economia brasileira por meio da exportação de produtos agropecuários. Historicamente, foi uma área importante no intercambio entre o Rio da Prata e o Rio de Janeiro, e um importante indutor da ocupação do planalto curitibano. Este trabalho pretende discutir alguns aspectos da primitiva colonização da baía de Paranaguá e sua inserção no âmbito colonial português entre os séculos XVI e XVII. Esta discussão está fundamentada em fontes documentais escritas e mapas do período.

Muito sobre a história da colonização da baía de Paranaguá foi realizado pelos historiadores paranaenses do início do século XX, como Francisco Negrão (1920), Ermelino de Leão (1927), Moisés Marcondes (1924) e Romário Martins (1945). Uma breve avaliação crítica de alguns pontos controversos destes trabalhos pode ser obtida em Picanço (2005). Muitas das informações sobre a cartografia deste período foram obtidas a partir do trabalho documental de Cortesão & Mota (1960). Também foi importante a contribuição do geólogo Reinhardt Maack, que realiza os primeiros estudos de cartografia histórica e estabelece as principais diretrizes geográficas dos estabelecimentos portugueses e espanhóis (Maack, 1959, 1969). Parte destas discussões está contida no Atlas Histórico Geográfico do Paraná, de Cardoso & Westphallen (1986).

O presente trabalho parte do pressuposto que a colonização portuguesa da baía de Paranaguá, assim como todo o sul do Brasil até a região da atual cidade de Laguna, Estado de Santa Catarina realiza-se a partir da irradiação do núcleo original paulista durante os séculos XVI e XVII, visando primordialmente à busca de cativos (Monteiro, 1994). Nesse contexto, a expansão escravista paulista choca-se com os núcleos avançados da colonização espanhola do Paraguai, em especial com os núcleos dominados pelos padres da companhia de Jesus. Ao mesmo tempo, esta ocupação é um pequeno episódio dentro do contexto da formação do espaço atlântico português, desenvolvido entre a metrópole, o Brasil e a África, especialmente Angola (Alencastro, 2000).

Em tempos recentes, o uso da cartografia histórica como ferramenta de análise, bem como o acesso a novas fontes documentais tem ampliado a discussão (ver, por exemplo, Picanço, 2005; Picanço, 2009; Picanço & Mesquita, 2010). Neste trabalho, serão discutidas as representações da baía de Paranaguá nas litogravuras do livro de Hans Staden e os mapas específicos da baía de Paranaguá da obra de João Teixeira Albernaz I, João Teixeira Albernaz II e o mapa de Pedro de Souza Pereira, que constam na Tabela 1.

### **A baía de Paranaguá**

A palavra *Paranaguá*, muitas vezes grafada em documentos e mapas antigos como “*Pernagoa*” significa, em tupiguarani antigo, “*mar interior*”, baía ou lagoa grande, segundo Teodoro Sampaio (1901). Para Reinhardt Maack, o topônimo “*Paranaguá*” tem o mesmo significado da palavra tupiguarani *Guanabara* (Maack, 1969, pg. 40). A primeira referência ao topônimo “*Paranaguá*” em documentos escritos é de 1614, com a concessão de uma sesmaria no Pernagoa a Diogo de Unhate (Martins, 1945). Já o topônimo “*Pernagoa*” (Paranaguá) é encontrado no mapa-múndi pela primeira vez a partir do início do século XVII.

A baía de Paranaguá despertou pouca atenção no início da exploração colonial. Um dos prováveis motivos são as dificuldades impostas pela sua barra, que dificultava o trabalho de ancoragem das naus. Tudo indica que o seu acesso primitivo era feito a partir da vila de Cananéia, por Superagüi. Hans Staden, do qual trataremos mais adiante, relata que os portugueses com os quais conversou no porto de Suprawa (Superagüi) ficaram espantados que tivessem conseguido entrar naquele porto sem conhecimento prévio de sua barra – “disseram que devíamos ter um timoneiro muito habilidoso”, relata Staden (1999 [1557], pg. 44).

Da mesma forma, apesar de ser a reentrância mais ocidental da costa leste brasileira, a baía de Paranaguá não possui grandes rios que possam estabelecer uma comunicação imediata com o interior, como o Ribeira de Iguape, caminho seguido pela expedição de Pero Lobo em 1532 ou o rio Itapocu, caminho da expedição de Dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541 (Maack, 1969). A grande barreira da Serra do Mar acompanhando a costa, com elevações de até 1800m, fez com que demorasse quase duzentos anos para que seus estreitos vales se constituíssem num caminho viável para o planalto.

Outro motivo importante é de natureza política: como muito bem notou Reinhardt Maack (1969, pg. 23 e seguintes), a baía de Paranaguá situava-se na “terra de ninguém” entre os estabelecimentos portugueses e castelhanos nesta parte da América, por causa das ambigüidades do Tratado de Tordesilhas. Durante quase todo o século XVI, a área ao sul de Cananéia teve uma fugaz presença espanhola, inicialmente em Cananéia e, depois, de maneira esporádica, na ilha de Santa Catarina (Picanço & Mesquita, 2010). Esta disputa e estas incertezas, ao longo de quase todo o período, também contribuíram para retardar a ocupação portuguesa da região.

### **Hans Staden**

Devemos ao aventureiro marburguês Hans Staden (ver Tabela 1), em seu livro “*História verdadeira e descrição de um país (...) no novo mundo denominado América*” (1557), a primeira referência a atual baía de Paranaguá (Staden (1999 [1557], pg. 44). Na verdade, o navio em que estava Staden, que ia para o Paraguai na expedição Sanabria (1550) é obrigado a entrar no porto de *Suprawa* (Superagüi) acochado por uma tempestade. Neste

porto encontraram com numerosos nativos e com dois portugueses provenientes de São Vicente. Segundo os dois portugueses, os nativos da região de Superagüi eram tupiniquins, ao contrário da ilha de Santa Catarina, onde habitavam os carijós, seus inimigos.

Na xilogravura do livro de Staden (figura 1) aparece um navio num mar revolto, com a proa embicada para a terra. Um grande e esguio peixe (espada?) figura na parte de baixo, talvez sugerindo a brutalidade dos elementos naturais. Dentro do navio, os marinheiros de mãos juntas parecem estar rezando. A baía é mostrada por uma reentrância com três ilhas em seu interior – representando as suas barras. Na parte de cima, há a representação de dois animais, um jaguar e um gambá (?), com a palavra (*Suprawa*). Montanhas e árvores representam respectivamente o relevo e a vegetação do entorno da baía.

Para Reinhardt Maack (1969, pag. 23), a baía de Paranaguá não foi inicialmente reconhecida desde o mar, mas sim pelos canais (o *varadouro velho*) que a ligam à região de Cananéia. Esta ocupação teria iniciado já a partir de 1501. No entanto, sabe-se que em 1535 Cananéia era ocupada por espanhóis, os quais chegaram a entrar em conflito e saquear a vila de São Vicente. No entanto, parece que depois deste fato a região, ao final do século XVI, estava na órbita portuguesa. O memorialista oitocentista Vieira dos Santos, em sua obra “Memória Histórica de Paranaguá” (2001) citando a obra do padre Vasconcellos – “A Vida do Padre Almeida” (1662) - nos diz que os santistas costumavam ir a Paranaguá fazer resgates com os carijós (Vieira dos Santos, 2001, pg. 27). O termo “resgate” esconde, eufemisticamente, na linguagem dos séculos XVI-XVII, o ato de apresamento de cativos (ver Monteiro, 1994). Logo, nos parece que a região de Paranaguá, habitada por uma população estimada em 6 a 8 mil índios, segundo padre Vasconcellos (segundo Vieira dos Santos, 2001) era um local onde os vicentinos (os Santistas, ou seja, da vila de Santos) iam apresar a mão-de-obra indígena. Essas expedições também eram muito comuns também direcionadas à região da lagoa Upava, atual cidade de Laguna (Monteiro, 1994). Muito mais do que a busca por metais preciosos, o apresamento deve ter impulsionado a descoberta da região, embora ainda não sua ocupação pelos vicentinos.

### **João Teixeira Albernaz I**

A baía de Paranaguá não consta nos mapas de João Teixeira Albernaz I, ou O Velho, no “*Livro que dá Razam do Estado do Brasil*” (1615), atribuído a Diogo de Campos Moreno (Viana, 1955). Também não está representada no Atlas do Brasil de 1627 do mesmo João Teixeira, cujos originais encontram-se na *Bibliothèque Nationale* de Paris (Mota, 1960a). Neste Atlas há um mapa que representa a costa entre São Vicente e o Rio da Prata, no qual, segundo as anotações, “...mostrace a costa que vay do porto de são Vicente pêra o rio da prata na qual esta hû bõ [um bom] porto a que chamão Upava [Laguna]”. A terra “He (..) fértil de gados e mantimentos os abitadores (sic) desta terra he gente domestica a que chamam os patos...”, ou seja, populações carijós ou guaranis.

Neste mapa constam os rios Iboypitive, Ararungua [Araranguá], yousanga [Urussanga], a lagoa Upana e o rio Buacan e a ilha de Santa Catarina. Ao norte da ilha está mostrado o rio de Cananéia, a vila de NS conceição [Itanhaem], a bacia Pinaiba e a cidade de São Vicente. Toda a costa está bordejada pela serra de Paranapiacava.

A primeira representação cartográfica da baía de Paranaguá está no “Atlas do Brasil” de 1631 de João Teixeira Albernaz I, com trinta e seis cartas (estampas 473-481), 445x657 mm, que consta da mapoteca do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro (Mota, 1960b). Também existem exemplares na Bibliothèque Nationale de Paris, Ministério das Relações Exteriores (Rio de Janeiro), Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e a Coleção Souza Leão (Rio de Janeiro).

O título é “*Estado do Brasil coligido das mais sertas (sic) notícias q pode aiuntar Dõ Leronimo de Ataíde. Por João Teixeira Albernaz, cosmógrapho de sua magde, anno 1631*”. Na folha da capitania de São Vicente consta o rio Guaratuba e a baía de Paranaguá, com as barras de *Ipa Pupetuba*, *Baciabacuy (sic)* e *Superabu*, de sul para norte respectivamente. A seguir, rumo norte, consta a barra do *Ararapira* e de *Itaquaquatiava* e a cidade de Cananéia, com a inscrição “*primeira povoação da capitania de São Vicente*”. A atual ilha comprida está nomeada como “Ilha Cananea”, com uma observação sobre o canal: “por este rio navegam embarcaçoens piquenas”. Mais ao norte está assinalada a barra do rio Ugua [Una].

O mapa foi feito com base nas observações de D Jerônimo Ataíde, sexto Conde de Atouguia, para o cartógrafo português João Albernaz I. Esta planta representa tão somente as três entradas de sua barra, que era todo o conhecimento que se tinha do interior da baía até esta época. Outro detalhe importante no mapa é a representação dos limites da capitania de São Vicente, na época disputada pelos descendentes de Martim Afonso de Souza.

De João Teixeira Albernaz I há uma terceira representação (figura 2) da baía de Paranaguá no seu “Atlas do Brasil” de 1640, com trinta e duas cartas, 445x657 mm (Mota, 1960c). Pertence à Mapoteca do Arquivo Histórico Ministério das Finanças, Lisboa. Também existe exemplares na *Bibliothèque Nationale* de Paris, no Ministério das Relações Exteriores (Rio de Janeiro), na Biblioteca e Arquivo Público do Pará, na Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e na Coleção Souza Leão (Rio de Janeiro) (Mota, 1960c).

O primeiro elemento representado na carta da Capitania de São Vicente é o Rio de São Francisco, atual ilha de São Francisco do Sul, com as barras de *Araquari* e *Surgidouro* ao sul e *Baupitanga [Babitonga]* ao norte. Logo a seguir, vem a informação de que ali começava a capitania de São Vicente. Depois, verifica-se o rio de Guaratuba, a baía de Pernagoá (Paranaguá) com as suas três barras não nomeadas. Também não está nomeada a barra de Ararapira, mas está nomeada a barra de Itacoatiara. A representação de Cananéia é a mesma do mapa de 1631.

Neste atlas de 1640 há algumas pequenas explicações para os diferentes mapas. Assim, de sul para norte “do rio de São Frco [São Francisco] que já fiz menção vê[m] continuando a costa sempre ao nordeste até, a ilha que chamão de Cananéia, que esta em vinte e cinco grados e dous terços, da parte de sul”. O texto informa que “nella ha alguns surgidouros de bom fundo como he hua enceada que chamão Parnagoa”, a qual tem “na boca (...) duas ilhas que fazem três barras ou entradas pera dentro da dita enceada que os práticos dizem terem cinco e seis braças de fundo”.

Um fato interessante é que, apesar de já se ter indícios, nesta época, de produção de ouro em Paranaguá (Nogueira e Maffei, 1966), esse ouro ainda não é nem representado nem sequer citado nos mapas ou nos textos que os acompanham. Na carta seguinte, que representa a cidade de São Vicente, existe uma referência no texto



de que a região “(...) produz trigo e mtos frutos e mantimentos e des [dez] legoas da barra para o ocidente tem as minas de São Paulo, de que se tira ouro”.

Há uma quarta representação da baía de Paranaguá no Atlas do Brasil de 1642 de João Teixeira Albernaz I, em tudo semelhante à carta do Atlas de 1640. Este atlas pertence à Biblioteca do Museu da Ajuda, em Lisboa (Mota, 1960d).

#### **O mapa de Pedro de Souza Pereira (1653)**

A primeira planta detalhada da baía de Paranaguá data de 1653 e é executada provavelmente por Pedro de Souza Pereira, enviado do governador Salvador Correa de Sá e Benevides, no auge da exploração aurífera na região. Este mapa (figura 3) foi encontrado no Arquivo da Marinha e Ultramar, da Biblioteca Nacional de Lisboa pelo historiador paranaense Moises Marcondes em 1920. Foi publicado em 1924 no livro “*Documentos Para a História do Paraná*” (Marcondes, 1924). Este mapa mostra a baía de Paranaguá, suas principais ilhas, alguns dos rios que nela deságuam, bem como a vila de Paranaguá e os campos de “*Queretiba*” [Curitiba], estes simbolizados por duas casas, uma cruz e um pelourinho na parte superior do mapa.

Além das feições geográficas reconhecidas, tais como ilhas, promontórios, rios, a Serra do Mar e as “vilas” de Curitiba e Paranaguá, é um dos primeiros a mostrar com riqueza de detalhes o interior da baía (Picanço, 2009). Nele consta a localização das minas de ouro de Paranaguá nos vales dos rios Cubatão, Cacatu, Cachoeira e Faisqueira. A barra norte e a barra sul foram sondadas por Pedro de Souza Pereira, cuja profundidade em braças consta no referido mapa. Para Marcondes (1924), o mapa teria sido feito por Eleodoro Ébano, tido, por uma importante corrente de historiadores paranaenses do século XX, como o fundador de Curitiba. No entanto, as cartas de Pedro de Souza Pereira, com detalhes da profundidade das barras e detalhes do trabalho de exploração das minas indicam ser este o autor do mapa (Picanço 1997; 2009). Nas duas cartas enviadas ao rei, Souza Pereira informa todos estes detalhes, além dos serviços de controle das lavras e do pagamento dos impostos reais (Carta do administrador (...) Pedro de Souza Pereira (...) Santos, 8 de julho de 1653; Carta do Provedor (...) Pedro de Souza Pereira, dirigida ao R, (...) Vila da Conceição, 20 de maio de 1653).

Tabela 1 – indicação das representações cartográficas da baía de Paranaguá nos séculos XVI-XVIII

autor	título	data	mapoteca	observação	ref
Hans staden	<i>“História verdadeira (...) no novo mundo”</i>	1557	n/d	Ilustração (xilogravura)	1
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1627	Biblioteque Nationale de Paris	A baía de Paranaguá não está representada	2
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1631	Ministério das relações exteriores, RJ	Três barras nomeadas	2
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1640	Arquivo Histórico Ministério Finanças, Lisboa	Três barras não nomeadas	2
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1642	Ministério das Relações Exteriores, RJ	Três barras não nomeadas	2
Pedro de Souza Pereira	n/d	1653	Biblioteca Nacional de Lisboa	Minas de ouro	3
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1666	Ministério das Relações Exteriores,	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2

			RJ		
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1666 (?)	n/d	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1670	n/d	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1675	n/d	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2

Referencias: 1) Staden, 1999; 2) Cortesão e Mota, 1960; 3) Picanço, 2009;

### **João Teixeira Albernaz II, ou O Moço**

O cartógrafo português João Teixeira Albernaz II, ou o Moço, neto de João Teixeira Albernaz I, o Velho, tem quatro representações da baía de Paranaguá, sendo duas de 1666, uma de 1670 e outra de 1675 (Mota, 1960e). O que se observa é que há muitos trabalhos que acabaram por confundir os dois Albernazes homônimos, contribuindo para certa confusão na cronologia dos mapas.

Os mapas de João Teixeira Albernaz II, ou o Moço, denominam-se “*Demotração de Pernagoa e Cananéia*” (ver Figura 4 e Tabela 1). Todas as versões são muito parecidas. Nelas percebe-se a representação detalhada do interior e das minas de ouro, exatamente como no mapa de Pedro de Souza Pereira, que deve ter servido de base para sua execução. No mapa de 1666, que está na Mapoteca do ministério das relações exteriores, nota-se que há a representação das três barras da baía, a Barra do *Obupituba*, a barra do R[io] *Pernagoa* e a barra do *Saporago* (Superagüi). A conformação das serras e dos rios do interior da baía segue estritamente a feita por Pedro de Souza Pereira. As referencias as minas, no entanto, reduzem-se a apenas três, e não colocadas nos afluentes do rio Cubatão, mas longe de qualquer rio. Não existem referências à Curitiba e somente cinco ilhas estão representadas: as ilhas do Mel, das Pessas (Peças), das Cobras e das Gamellas. A vila do Pernagoa (Paranaguá) encontra-se representada por três casas e uma igreja, enquanto que a vila de “*São João da Cananéia*” está representada por quatro casas e duas igrejas, talvez como indicação de seu maior tamanho ou importância.

### **Discussões e Conclusões**

A cartografia da baía de Paranaguá através dos diferentes mapas e ilustrações sumarizadas na tabela 1 nos mostra uma região que vai sendo paulatinamente incluída dentro dos limites da colonização portuguesa. O nível de conhecimento de seu interior aumenta abruptamente quando a região torna-se uma produtora de ouro, a partir de 1640, com a fundação das vilas de Paranaguá (1648) e Curitiba (1668), esta última vila no planalto. A baía de Paranaguá apresenta-se como uma região pouquíssimo conhecida no início do século XVII, cuja única referência conhecida era a obra de Staden. Aliás, a ilustração nada tem de cartográfica, mas sim se trata de uma ilustração pictórica num livro de viagens.

Em princípios da década de 1630, no entanto, a baía passa a ser cartografada, e com níveis cada vez maiores de complexidade. As cartas dos Atlas do Brasil, onde a baía de Paranaguá é cartografada por João Teixeira Albernaz I, ou o velho (1631, 1640 e 1642), apresentam só a referência às suas barras, sendo o interior da baía conhecido somente por inferências. Não há nenhuma referência à ocorrência de ouro no seu interior, em contraposição com a região aurífera ao redor da Vila de São Paulo, já bastante conhecida.

Com o deslocamento da exploração aurífera mais para o sul, as lavras do rio Ribeira e as lavras de Paranaguá e Curitiba passam a ser cada vez mais importantes. A fundação das vilas de Iguape, próximo de Cananéia, em 1637, a fundação de Paranaguá em 1648 e Curitiba em 1668, são um indicio desta importância. O mapa de Pedro de Souza Pereira, feito no auge da exploração aurífera em 1653, é um documento importante, onde o interior da baía é cartografado com detalhes, inclusive a localização das minas de ouro. Os mapas feitos por João Teixeira Albemaz II são um aperfeiçoamento dos dados deste período, com o aproveitamento quase integral das informações do mapa de Pedro de Souza Pereira.

A cartografia da baía de Paranaguá através dos diferentes mapas analisados reflete o aumento de importância da área como região mineradora e também do avanço das cidades a partir do núcleo representado por São Vicente: neste momento do século XVII, Paranaguá e Curitiba eram as duas vilas mais meridionais do Brasil (Martins, 1945). O avanço concomitante do bandeirismo predador de índios e das atividades de mineração são as atividades que marcam esta expansão para sul. Este movimento vai se consolidando posteriormente, com o estabelecimento, em finais do século XVII da Colônia do Sacramento (1680) e das vilas de Laguna, Desterro (Atual Florianópolis) e da cidade do Rio Grande, mas já se trata de outro momento.

De maneira muito clara, o início da atividade mineradora torna-se mais intensa na metade do século XVII, ao contrário de correntes historiográficas que postulam um início da atividade mineradora em meados do século XVI (ver a esse respeito Picanço, 2005). De zona incerta entre as duas coroas ibéricas, a região de Paranaguá passa, a partir do século XVII a fazer claramente parte do âmbito colonial português, conforme mostrado pela análise dos mapas analisados no presente trabalho.

## **Bibliografia**

### **Fontes Primárias Impressas**

Carta do administrador das minas do sul, Pedro de Souza Pereira para d João V em que dá conta do mau procedimento dos descobridores das minas. Santos, 8 de julho de 1653. Rev. Inst Hist. & Geog. Bras. Tomo especial I, pag. 24-25, 1956.

Carta do Provedor da Fazenda do Rio De Janeiro e Administrador Geral das minas do sul do Brasil Pedro de Souza Pereira, dirigida ao R, na qual o informa circunstanciadamente acerca das minas que se tinham descoberto e do que era necessário fazer-se para as conservar. Vila da Conceição, 20 de maio de 1653. Anais Bibl. Nac. 39:202-205, 1956.

### **Fontes Secundárias**

ALENCASTRO, L.F. O Trato Dos Videntes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Cia das Letras, 525 pag., 2000.  
CARDOSO, JA & WESTPHALLEN, CM Atlas Histórico do Paraná. Curitiba, Livraria do Chain Editora, 1986.  
CORTESÃO, J. & MOTA, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols. ,1960.



- LEÃO, E. Minas de Paranaguá. In: Leão, E. Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Paraná. Tomo VII, pag. 1322-1348, 1927.
- MAACK, R. Contribuição à história das explorações geográficas e geológicas do estado do Paraná. In: Maack, R. Geografia Física do Estado do Paraná. BADEP/UFP/IBPT, 1969, 350 pp.
- MAACK, R. Itinerário de Ulrich Schmidel através do Sul do Brasil nos anos de 1552-1553: Uma pesquisa histórico-geográfica. Geografia Física 1, Conselho de Pesquisas da Univ. do Paraná – 2:5 - 29 1959.
- MARCONDES, M. Planta da Baía de Paranaguá – nota Explicativa. In: Marcondes, M. (org) Documentos para a história do Paraná. Curitiba, p 3-27, 1924.
- MARTINS, R. História do Paraná. Curitiba, Travessa dos Editores, 1995, 524 pag., 1945
- MONTEIRO, JM. Negros da Terra – Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo. Companhia das Letras, 300 pag., 1994.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1627 na Biblioteque Nationale de Paris – estampas 453-458. In: Cortesão, J. e Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols, vol. IV pag. 103-107, 1960a.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1631, com trinta e seis cartas.. In: Cortesão, J. e Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols, vol. IV pag. 119-122, 1960b.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1640, com trinta e duas cartas. In: Cortesão, J. e Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols vol. IV pag. 125-132, 1960c.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1642, com vinte e três cartas (truncado), pag 125-132. In: Cortesão, J. e Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., vol. IV pag. 125-132, 1960d.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz II, Atlas do Brasil de 1666/1670/1675. In: Cortesão, J. e Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., vol. V, pag. 75-93, 1960e.
- NEGRÃO F. As Minas de ouro da Capitania de Paranaguá (1640-1649). Paranaguá, O Itiberê, 56 pag., 1920.
- NOGUEIRA, A, R. & MAFFEI, L.A. O ouro na capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. Bol Inst. Hist. SP, pp 7-135, 1966.
- PICANÇO J. L. Comentários sobre o artigo “O Paraná na história da Mineração no Brasil no século XVII” de Liccardo et al. (2004). Boletim Paranaense de Geociências, 56:121-123, 2005.
- PICANÇO, J.L. A pesquisa mineral no século XVII – o mapa de Pedro de Souza Pereira (1653). In: 40º Congr. Bras. de Geologia. Soc Brás. GEol., Belo Horizonte, 1998. Anais. pág. 162.
- PICANÇO, J.L. & MESQUITA, M.J. O Cristal, o Ferro e o Sal: Recursos Minerais do Antigo Guairá (1557-1632). Terrae Didática, v. 6:67-75, 2010.

- PICANÇO, J.L. A Pesquisa Mineral No Século XVII: O Mapa De Pedro De Souza Pereira (1653). In: Simpósio Luso-Brasileiro De Cartografia Histórica. (<http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/resumos-trabalhos.htm>), 2009.
- PICANÇO, J.L. Concepções seiscentistas e setecentistas sobre a formação de ouro aluvionar no Brasil colonial. In: Colóquio de História da Ciência USP, Caderno de Resumos, p 55, 1997.
- SAMPAIO, T. O tupi na Geographia Nacional. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, Casa Eclética, 168 pag, 1901. In: [http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio\\_1901\\_tupi](http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi) (pesquisa em 26/03/2010)
- VIANNA, H. (Ed) Livro que dá razam ao estado do Brasil, por Diogo de Campos Moreno. Edição crítica e notas, de Helio Vianna. Recife, Arquivo Publico Estadual, 224 pag, 1955.
- VIEIRA DOS SANTOS, A. Memória Histórica de Paranaguá (Volume I). Curitiba, Vicentina, 2001, 410 p.

### **Mapas Citados**

- Capitania De Santo Amaro. Por João Teixeira Albernaz I , Atlas do Brasil (1640) Arq Histórico Ministerio Finanças, Lisboa. In: Cortesão, J. & Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., estampa 489, 489x675mm, 1960.
- Capitania De São Vicente. Por João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil (1631), Ministério das relações exteriores, RJ. In: Cortesão, J. & Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda, 5 vols., estampa 475 , 445x675mm.,1960.
- Demotração Do Pernagoa E Cananea. Por João Teixeira Albernaz II, Atlas do Brasil (1666), Ministério das relações exteriores, RJ. In: Cortesão, J. & Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., vol V, 1960.
- Mostrace A Costa Que Vai Do Porto De São Vicente Pêra O Rio Da Prata. Por João Teixeira Albernaz I , Atlas do Brasil (1627) Bibliotéque Nationale de Paris. In: Cortesão, J. & Mota, A. T. (Eds) Portugalia Monumenta Cartographica. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., estampa 454a, 413x587mm,1960.
- Planta da Bahia de Paranaguá, compreendendo as barras de Soporagui e de Ubupetuba, as ilhas do Mel, das Peças das Cobras, das Gamelas, Rosa, Ibirarema e perspectiva da cidade de Paranaguá. 0,3x 0,41m, colorida, nº 373 da coleção de mapas. Anais Bibl. Nac. 39:209, 1956.